

BACHELARD, O FILÓSOFO DA RUPTURA

Elyana BARBOSA

ITUCSAL/UFBA

RESUMO

Nosso objetivo nesta comunicação é mostrar que existe uma unidade no pensamento bachelardiano que vai se expressar na concepção de razão e de imaginação como "criadoras, ativas, abertas e realizadoras".

Bachelard toma como ponto de partida do seu discurso o sujeito como demiurgo, construtor de novas realidades.

A imaginação para Bachelard é originária, ela vai dar dinamismo as atividades do homem: atividade intelectual e atividade onírica, ao homem racionalista e ao homem do devaneio.

RÉSUMÉ

Notre but dans cette communication est celui de montrer qu'il y a une unité dans la pensée bachelardienne, laquelle se présente dans sa conception d'une raison et d'une imagination "créatrices, actives, ouvertes et réalisatrices".

Bachelard prend comme point de départ de son discours le sujet envisagé comme un démiurge, un constructeur de nouvelles réalités.

L'imagination, chez Bachelard, est originaire, elle dynamise les activités de l'homme: l'activité intellectuelle et l'activité onirique, celle de l'homme rationaliste et celle de l'homme du rêve.

Em primeiro lugar, quero agradecer a gentileza da Prof^a Constança Marcondes Cesar por convidar-me para fazer parte do Comitê Organizador deste evento. Quero também ressaltar o seu esforço pessoal, juntamente com o MD Coordenador da Pós-Graduação desta Universidade, o Prof. Luis Alberto Peluso na sua promoção a despeito da negativa dos órgãos financiadores.

A Filosofia no Brasil continua a mesma da década de 70 (setenta). Ainda existem grupos que julgam quais os temas que são “relevantes” numa perspectiva hegemônica. Mas gostaria de citar uma frase do Marx na “Crítica da Economia Política”: “Enquanto os cães ladram a caravana passa”.

Vou falar sobre Bachelard como filósofo da ruptura.

O meu livro¹ sobre Bachelard possui o título: “Bachelard” O Arauto da Pós Modernidade”. Esse trabalho tem como objetivo mostrar que há uma unidade no pensamento bachelardiano e esta vai indicar que não existe diferença entre razão e imaginação.

Para compreender a obra de Bachelard é preciso uma verdadeira conversão, “uma conversão do olhar” como diria P. Bourdieu. Bachelard não se movimenta na linha da “representação” kantiana, nem na linha da dialética hegeliana. Existe, neste “arauto”, o aparecimento de uma nova perspectiva que tem como ponto de partida o sujeito demiurgo, construtor de realidades.

Gaston Bachelard é um pensador desconcertante. Houve recentemente um encontro sobre o pensamento de Foucault, promovido pelo Departamento de Sociologia da USP, do qual participei com o trabalho: “Bachelard e Foucault - uma nova epistemé?”². Este Encontro tinha como título: “Foucault, um pensamento desconcertante”, na verdade, este título, deve ser atribuído a quem primeiro ousou romper, no meio acadêmico, com a hegemonia da filosofia trazendo a Psicanálise para a ciência quando esta ainda não tinha sido sequer legitimada entre os seus pares, pondo também em questão a representação kantiana e a dialética hegeliana, chamando a atenção para as “novidades” das revoluções científicas do começo do século. Bachelard convida os cientistas a passar por uma formação psicanalítica, para exorcizar os fantasmas, antes de ingressar na “cité

cientifique”, também para evitar os “obstáculos epistemológicos” que interferem no progresso do conhecimento científico, pois para ele “os retardos e perturbações aparecem no interior do ato de conhecer, aí é que estão presentes as causas de estagnação do conhecimento”. (Bachelard, FES: 13)

Imaginem vocês o que era para o pensamento acadêmico, em 1937, alguém publicar um livro com o título “La Formation de l'esprit scientifique: contribution à une psychanalyse de la connaissance objective”. Só mesmo este homem, o filósofo da ruptura, o “arauto da pós-modernidade” que já em 1927 sabia que “o que caracterizaria o pensamento do século XX seria a insistência do poder de inventar” como afirma Henri Gouhier no Colloque de Cerisy, realizado em homenagem a G. Bachelard.

O que vai dar unidade às duas linhas de investigação é o dinamismo do pensamento e sua criatividade. Razão e Imaginação não são atividades dicotômicas, ambas possuem as mesmas características, ambas são instauradoras de novas realidades. O pensamento é criador na medida em que é um pensamento ansioso, que procura oportunidades dialéticas para sair de si mesmo, para romper seus próprios quadros, possuem as mesmas características: “criadoras, ativas, abertas e realizadoras” (Cf. NES: 150) A imaginação é vista por Bachelard como a essência do espírito humano, ela é originária. É esta imaginação que dá dinamismo as atividades do homem, atividade intelectual e atividade onírica, o homem enquanto pensador, o homem enquanto sonhador.

Para compreender as teses expostas por Bachelard na sua linha epistemológica é preciso atentar para a “diferença”: É o detalhe que dita a lei, é a exceção que se torna a regra, é o sentido escondido que é o sentido claro” (Idealism Discursif, p. 87).

Mais tarde, Foucault, em seu último livro da história da sexualidade escreve: “Em que consiste a atividade filosófica se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe”. Há algo mais bachelardiano que esta afirmação?

Gaston Bachelard é o “filósofo da ruptura” aquele que se posiciona contra toda e qualquer situação de estabilidade e acomodamento. Seus livros são a prova da sua insurreição contra o estabelecido. O que impulsiona Bachelard a escrever é segundo êle: “a nostalgia de uma certa antropologia” ou seja sente a necessidade de descrever “o homem nas vinte e quatro horas de sua vida”. Projeto que ele não abandona, que o confunde no momento em que percebe a dificuldade em demarcar estas duas atividades e que vem a se tornar um dos impasses da sua obra.

A sua obra nos dá a impressão de um grande projeto no qual os livros que se sucedem cronologicamente obedecem a um grande plano. Analisando os momentos nela refletidos, percebe-se a incessante busca de Bachelard: a liberdade que permite ao ser a realização de sua criatividade. Seus três momentos provam isso.

No seu primeiro momento, Bachelard ainda não se desprende da postura de filósofo da ciência. A mesma prudência usada para analisar o procedimento da ciência mantêm-se como postura adequada para a análise dos elementos arquetípicos. Constatar que é preciso livrar-se desta prudência, ou mesmo “dizer que se devem abandonar os hábitos intelectuais, é uma declaração fácil, contudo como cumpri-la?” (PE: 5) Neste seu momento Bachelard revela explicitamente a impossibilidade de confundir a atividade intelectual e a atividade de devaneio.

No segundo momento, ao perceber que a objetividade na análise das imagens não o leva a uma participação direta com elas, adota um método considerado o mais adequado: o fenomenológico. Mas não se trata do método husserliano. Este é alvo das críticas de Bachelard, por não exprimir as nuances ativistas de uma realidade. A intencionalidade fenomenológica não exprime as nuances ativistas, pois não coloca em evidência os graus de tensão da intencionalidade; os fenomenólogos são muito formais, muito intelectuais. A sua preocupação é com a comunicabilidade da imagem singular. Como se dá a tomada de consciência de um sujeito maravilhado pela imagens poéticas? Esta tomada de consciência obriga o homem a um retorno sistemático a si mesmo.

Em **La Poétique de l'espace** e em **La Poétique de la rêverie** a preocupação ontológica de Bachelard se evidencia: "o ser do sonhador do devaneio se constitui pelas imagens que ele suscita". O capítulo dobre **Le Cogito du rêveur** elucida esta sua preocupação. Ele considera que "o poeta fala ao amôgo do ser".

Para Bachelard, a "Comunicabilidade de uma imagem singular é um fato de grande significação ontológica". A preocupação, então, é com o *verstehen*, ou seja, com a possibilidade de compreensão de uma imagem singular. E, para ele, é a poesia o exemplo desta participação e comunicação da imagem. Trata-se, agora, de procurar um método que seja o mais adequado. A escolha do método fenomenológico é intencional, pois este põe o sujeito em relação direta com a imagem. "A fenomenologia, no domínio restrito em que trabalhamos, deve suprimir qualquer intermediário, qualquer função superposta". Na sua concepção o método fenomenológico leva o homem a tentar a comunicação com a consciência criadora do poeta. Para Bachelard, não há diferença entre o fazer um poema e o ouvir um poema. Ao ouvir o poema, a cumplicidade do ouvinte é tal, que ele participa também da criação; aqui, a consciência de maravilhamento diante do mundo criado pelo poeta se abre em toda a sua novidade".

Em **La Poétique de la rêverie**, ele mostra como o devaneio esclarece a atividade da imaginação.

Em seu último livro, **La Flamme d'une chandelle**, ele está convicto de que "os poetas conhecem o prestígio da liberdade". O surrealismo o entusiasma, porque é o próprio exemplo da imaginação atuante. "Desembaraçado da preocupação de significar, o surrealismo descobre todas as possibilidades de imaginar".

Gagey, ao realizar a leitura da obra de Bachelard como uma conversão ao imaginário, diz, muito apropriadamente: "A urgência política, religiosa, pedagógica, de elucidar a relação do imaginário com a razão e a impossibilidade de pretender isso a partir da análise científica da imagem nos fizeram pressentir, como ponto de partida, uma mediação possível na experiência bachelardiana. Quem escreve, quase simultaneamente, **Le Materialisme rationnel** e **La Poétique de l'espace**, quem, ao mesmo tempo, nutre uma paixão confessada pela leitura dos poetas e cultiva os valores de instrução, os mais

austeros, em resumo, quem, na ausência de um impossível domínio racional da imagem, se instala na tensão refletida entre uma experiência da razão e uma aventura poética nos parece bem colocado para esclarecer o julgamento que se faz do sentido social e pessoal da poesia, do mito e do devaneio". (Gagey: 270)

A impossibilidade de conciliar razão e imaginação reside na própria consideração da ciência como "Sociedade, Fenomenotecnia, Verificação ou experiência, e da imaginação como Cosmologia, Passado, Solidão". (Dagonet: 33).

Para Bachelard, o pensamento é uma força, e, "quanto maior é a força, mais alta é a promoção do ser" No momento em que o homem alarga sua experiência ou coordena seu saber, ele institui a **realidade humana** "ele se institui, verdadeiramente, na sua dinâmica de ser pensante".

Pude perscrutar Bachelard pelo "interior" trilhando o mesmo caminho ensinado por Rubens Rodrigues Torres Filho ao trabalhar Fichte, a quem agradeço o mérito do meu trabalho sobre Bachelard, por sempre insistir que o filósofo é antes de tudo um "filólogo".

Ao tentar dar conta do seu projeto - descrever o homem enquanto totalidade, o homem na sua dupla vida, levou Bachelard a muitos impasses. Como pensar um progresso descontínuo? E a ruptura? Como romper com a idéia de cumulatividade? Como pensar a complementariedade rompendo com o Lógica aristotélica e dialética hegeliana? E a continuidade e a multiplicidade temporais? É possível uma outra racionalidade? Graças ao filósofo da ruptura, a trilha foi aberta e no seu caminho seguiram alguns pensadores, hoje figuras representativas no pensamento filosófico. A. Koyré, G. Canguilhem, Michel Foucault, Pierre Bourdieu. Giles Deleuze, G. Durand, M. Maffesoli e muitos outros.

Bachelard mostrou que o pensamento é plural, que as oposições nem sempre são necessariamente excludentes, nos levou a perceber, hoje, deleuzianamente os "Mil Platôs", perceber como "a multiplicidade ultrapassou a distinção entre consciência e inconsciente, entre a natureza e a história, o corpo e a alma", acrescento: a razão e a experiência, o racional e o irracional. "A própria realidade é

múltipla e não supõe nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remete a um sujeito. As subjetivações, as totalizações, as unificações são, ao contrário, processos que se produzem e aparecem na multiplicidade.” (Deleuze, 1995:8) E Bachelard foi o “arauto”, aquele que possibilitou pensar que estamos na época da justaposição, na época do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso, do pensamento libertador e democrático, muito mais abrangente, muito mais rico em possibilidades do que a “unidade” e a “hegemonia” ainda tão presentes em nosso meio acadêmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, G. PE - **La Poetique de l'Espace**, Paris, PUF, 1974.

PR - **La Poetique de la rêverie**. Paris, PUF, 1974.

BARBOSA, Elyana - **Gaston Bachelard o arauto da pós-modernidade**, Salvador, Editora Universitaria Americana, 1993.

DAGONET, François, Le probleme de l'unité: **Revue Internationale de philosophie**, (150), 1984.

DELEUZE, Giles - **Mil Platôs 1**, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995.

GAGEY, Jacques, **Gaston Bachelard ou la Conversion à L'imaginaire**. Paris, M. Riviere, 1969.

NOTAS

(1) BARBOSA, Elyana - **Gaston Bachelard: o “arauto” da pós-modernidade**. 2ª ed. Sa, EDUFBA, 1995.

(2) Revista **Tempo-Social**. vol. 7 - nos. 1-2. outubro 1995 São Paulo, Departamento de Sociologia da USP.